

Apresentação

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Florianópolis, SC
carmen.rial@ufsc.br
<https://orcid.org/0000-0001-7478-0917>

Mariane Pisani

Universidade Federal do Piauí, Brasil
Teresina, PI
marianepisani@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6925-4912>

Diversas dimensões contemporâneas atravessam o estudo do futebol. Entre elas, destacam-se as transformações sociais e culturais impulsionadas pela globalização do esporte; a intensificação das mobilidades internacionais de jogadoras e jogadores, convertidos em trabalhadoras/es migrantes; e as experiências que essas circulações produzem em suas vidas e nas dos torcedores, cada vez mais transformados em “turistas” visitantes de museus de estádios e frequentadores de arquibancadas gentrificadas. Esses processos afetam diretamente os modos de construção de pertencimentos e identidades - locais, nacionais e transnacionais -, bem como os discursos sobre raça, classe, corporalidade e, de maneira central, gênero e sexualidade.

O futebol se configura assim como um campo privilegiado para observar as disputas políticas e morais que atravessam as sociedades contemporâneas. Em um cenário marcado pela ascensão da extrema direita e pelo crescimento de ideologias conservadoras - muitas vezes articuladas, no Brasil, com movimentos neopentecostais e com discursos de *coaches* de influência duvidosa -, identidades dissidentes e corpos considerados desviantes tornam-se alvo de vigilância, controle e violência. Nessa conjuntura, o esporte de alto rendimento transformou-se em um dos mais acirrados campos de batalha pelos direitos (e pelo rechaço) de pessoas trans, e a homofobia segue sendo reiterada como forma de ordenamento social nos estádios e nas redes.

A despeito dos avanços nas últimas décadas em termos de reconhecimento de mulheres e pessoas LGBTQIA+ no esporte, persistem desigualdades estruturais no acesso a salários, investimentos, infraestrutura, espaço midiático e segurança de participação. Torna-se crucial, portanto, interrogar como normas de gênero são legitimadas ou contestadas no cotidiano das práticas esportivas e nas trajetórias de atletas, torcedoras/es, treinadoras/es e dirigentes - cis, trans, não-binárias - que tensionam fronteiras e inventam modos de existir e competir em ambientes historicamente androcêntricos.

Simultaneamente, o futebol constitui o maior espetáculo midiático global. Por isso, exige atenção analítica às mediações tecnológicas: transmissões televisivas, coberturas jornalísticas, narrativas de celebração e regimes de visibilidade que determinam quais corpos podem ser celebrados e quais devem ser invisibilizados ou estigmatizados. A mídia não apenas registra o jogo — ela modela sensibilidades, moralidades e emoções públicas.

Na segunda parte desse dossiê propõe reunir pesquisas que contribuam para repensar teorias e metodologias nos estudos do futebol, articulando perspectivas feministas e estudos de sexualidade com análises críticas das mídias e das conjunturas políticas recentes. Trata-se de refletir sobre as potências do esporte como espaço de transformação e cidadania, mas também sobre seus mecanismos de exclusão - evidenciando tanto a reprodução de desigualdades quanto os gestos de resistência, contestação e criação que emergem no campo.

Ao promover esse conjunto de debates, este dossiê se insere no esforço coletivo do INCT Futebol – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro – que desde sua criação vem contribuindo para consolidar o futebol como objeto legítimo e complexo de investigação científica, fortalecendo redes de pesquisa, formação acadêmica e produção de conhecimento crítico em diálogo permanente com a sociedade. Esta segunda parte do dossiê Futebol como fenômeno social e cultural foi co-organizado por Mariane Pisani (UFPI/INCT Futebol).

Por fim, a capa deste número temático, pintura intitulada “Meio de campo” é de autoria de Igor Maciel que é responsável por algumas das capas de livros e dossiês do INCT Futebol. Agradecemos a editora geral de Iluminuras, Cornelia Eckert, não só por acolher os textos aqui publicados mas pela liberdade concedida às editoras associadas e a supervisão cuidadosa do trabalho. Agradecemos também a bolsista da Revista Iluminuras Isabela Artioli pela diagramação, acompanhando com presteza o trânsito entre editora/pareceristas/autores e atenção às organizadoras.